Antonio De VillasBoas E Sampaio

POESIAS

.134.3-1Sampaio
M

POESIAS

DE

ANTONIO DE VILLASBOAS E SAMPAIO.

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

POESIAS

DE

ANTONIO DE VILLASBOAS E SAMPAIO.

R.5.1-1-32

POESIAS

DE

Antonio de Villasboas e Sampaio

AUTOR DA NOBILIARCHIA PORTUGUEZA.

AUTO DA LAVRADORA DE AYRÓ,

Já impresso em 1678,

E

SAUDADES

DO

TEJO, E DE LISBOA

NA AUSENCIA

DA SENHORA

CATHERINA,

Rainha da Gran-Bretanha.

POEMA.

C. M. BARCELOS BIBLIOTECA Nº 4161 1.VIII.44

COIMBRA:

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1841.

Offerta do

Ex^mo Snr. Conde de Villas Boas

em

1. Agosto. 1944

BIBLIOTECA

Á

ILLUSTRESSIMA E EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. Mecia Julia de Villasboas Sampaio.

<Mãe do Editor>
n. 1786; m. 1858

O.

O Editor.

D. A. de V. S.

Diogo Annes de Villas Boas Sampaio
n. 12. 3. 1816
4º Neto do Auctor

Prologo.

NA publicação das poesias, que compoem este folheto, seguimos a orthographia original do autor, porque nos não pareceu justo vestir o passado com os trajos do presente. Da Bibliotheca Lusitana de Barbosa Machado extrahimos a maior parte das noticias sobre a vida do autor, porém o juizo ácerca dos seus escritos é puramente nosso.

BREVE NOTICIA

ACERCA DA VIDA, E ESCRITOS

DE

Antonio de Villasboas e Sampaio.

ANtonio de Villasboas e Sampaio, desembargador da relação do Porto, e senhor do solar do paço de Villasboas, e torre de Ayró no termo de Barcellos, filho primogenito de Diogo de Villasboas Caminha, senhor do mesmo solar, e de sua esposa D. Anna de Carvalho e Sampaio nasceu na quinta de Fareja, termo da villa de Guimarães no dia 27 de Agosto de 1629.

Nem a abundancia dos bens patrimoniaes de que era senhor, nem o uso daquelles tempos em que erão as armas a natural profissão, e exercicio dos primogenitos das casas nobres, nem finalmente os exemplos dos seus predecessores, que de seus valerosos feitos militares deixárão honrada memoria, o pudérão desviar da constante inclinação ao estudo das sciencias. Começou na cidade de Braga a sua vida litteraria, e alli se instruio nas disciplinas elementares, até que passou á Universidade de Coimbra, onde recebeo o gráu de bacharel em

leis, e d'ali sahindo a occupar os logares de juiz de fóra de Villa do Conde, e de Viseu, de corregedor de Moncorvo, e de provedor de Coimbra mereceo ser provido pelo senhor rei D. Pedro II. no cargo de desembargador da relação do Porto, onde tomou posse no 1.° de Fevereiro de 1689. *Em tão diversas judicaturas*, diz o erudito autor da Bibliotheca Lusitana, *sempre se venerarão unidas na sua pessoa a vasta noticia de ambos os direitos com a incorrupta inteireza, e summa gravidade digna de um senador.* Entre os graves cuidados de magistrado jámais desprezou a cultura daquelles estudos, que lhe havião sido inexgotavel fonte de prazeres nos seus primeiros annos, e o tempo, que as suas laboriosas funcções lhe deixavão livre, consagrava á poesia, vindo a ser insigne na latina. Além dos conhecimentos historicos, de que alcançou grande cópia foi mui curioso de genealogia, sciencia então tão vulgar, e querida dos estudiosos das nossas antiguidades, quão apparentemente esquecida, e desprezada hoje, e neste temeroso labirintho de noticias verdadeiras e falsas, de pertenções exageradas, de fastos de gloria, e de desdouro por tal fórma se soube haver que com a geral estima dos seus contemporaneos obteve os créditos de judicioso, prudente, honrado, e verdadeiro.

Casou com D. Maria Ferraz d'Almeida, da qual teve a Diogo de Villasboas e Sampaio, que foi capitão mór de Barcellos, e governador de

Villa do Conde, e de quem ainda hoje existem descendentes, a D. Balthazar de Faria, doutor em canones, inquisidor de Coimbra, prelado da Patriarchal, e bispo de Elvas, a D. Pedro de Villasboas e Sampaio, doutor, e lente da faculdade de leis, deputado do santo officio, desembargador da supplicação, collegial de S. Pedro, prelado da Patriarchal, e bispo de Elvas, e a D. Josefa, religiosa em S. Bento de Barcellos.

Magistrado incorrupto, insigne litterato, e excellente pai de familia foi no dilatado espaço de 82 annos um constante modelo de todas as virtudes, até que no dia 26 de Novembro de 1701, estando na sua casa de Barcellos, onde havia muito se recolhera a repousar das fadigas da vida pública, foi gozar do descanço eterno na morada dos justos. Jaz no paço de Villasboas na capella de S. José que fundára, e apezar de que a sua humildade o obrigou a prohibir qualquer epitafio na sua sepultura, todavia lá se lêem a um lado da Capella os seguintes versos, que o commemorão: —

Qui tibi pusillum dicat, Josephe, sacellum
Coelum pro dono, te auxiliante, petit:
Et si magna petit parvo pro numere, noscit
Esse nihil quod dat, quod petit omne putat.

Fallemos agora dos seus escritos.

Uma das primeiras composições de Antonio de Villasboas era um romance com o nome de

= *El baxel de Cupido navegacion entretenida de Roberto, y Cinthia*, = porém estando esta obra já prompta, e com as licenças necessarias para se imprimir não consentio a seriedade do magistrado, e a escrupulosa consciencia do homem catholico, que se publicasse um escrito, em que trasluzia talvez mui vivamente o verdor dos poucos annos, e cujo entrecho se fundava em anecdotas verdadeiras dos mancebos da sua provincia. Este ms. ainda existe com algumas lacunas em poder dos seus descendentes.

A obra em que mais refulge a vastidão de seus conhecimentos, a paciencia, e continuado exercicio das suas indagações, e pela qual é mais conhecido entre os litteratos é a *Nobiliarchia Portugueza Tratado da Nobreza hereditaria, e politica offerecida ao Marquez de Gouvea D. João da Silva, e impressa em Lisboa por Francisco Villela em* 1676, *reimpressa depois em Lisboa por Filippe de Sousa Villela em* 1708, *e pela terceira vez tambem em Lisboa na officina Ferreyriana anno de* 1727. O estilo singelo, e pouco inficionado do vicio que infestou a nossa litteratura no seculo 17 é já um estremado merecimento deste livro, quando o não fôra a grande quantidade de noticias curiosas ali espalhadas, se bem que muitas vezes mais com mão piedosa, e crença viva, do que com aquella critica imparcial, e severa, que exigião tradicções confusas, alteradas, e algumas por ventura fabulosas. Não erão só as memorias da

origem dos titulos antigos, e modernos, da nobreza das familias, de alguns de seus solares, e das cidades e villas o objecto da Nobiliarchia, tambem um tratado de armaria occupa grande parte della contra a qual escreveo o rei de armas India Francisco Coelho umas advertencias, que apparecem no tomo 6.° das provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, e nellas depois de notados alguns erros de pequena monta conclue com negar-lhe o poder de fazer tal publicação segundo o §. 5. do regimento dos reis de armas. Parece que este Francisco Coelho trabalhava em uma obra com o titulo de thesouro da nobreza quando appareceo a Nobiliarchia, que em materia tão positiva, e tratada por sujeito de tão elevado engenho apenas deixava occasião para alguma pequena emenda.

Já no capitulo 9.° da citada obra por occasião de fallar dos condes, e de pertender para Barcellos a honra de condado, o mais antigo deste reino, dissera o autor, que o nome de Ayró se derivava de monte aureo, nome que já tivera em outro tempo, ou pela fecundidade que o enriquece, ou pelas minas de ouro que antigamente, como a outros montes de Hespanha, o ennobrecerão, e que junto ao paço de Villasboas corria com cristalinas e saudaveis agoas a fonte da virtude assim chamada de tempos antigos pela que possuia *de curar varias enfermidades aos que se lavavão em suas agoas*, virtude *procedida por ventura de algum varão sancto, que per alli houve, se já*

não fosse, que o admiravel Joane, o pobre, que por aquelle sitio andava, canonisasse sua corrente com alguma maravilha de que rezultasse chamarse assi. Ora este Joane, o pobre, era um catalão illustre da casa dos condes de Urgel, o qual, segundo diz o nosso autor, vindo de romaria a S. Tiago fez vida eremitica no monte de Ayró em um oratorio que fundou com a invocação de S. Silvestre, aonde tendo sido visitado pelo arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, por D. Affonso o primeiro duque de Bragança, e sua mulher D. Constança de Noronha morreo no anno de 1436. O amor que naturalmente temos aos logares do nosso nascimento, e educação, e ás casas, e objectos, que forão de nossos predecessores não faltava no nosso autor para com o monte de Ayró, e a sua fonte tão proximos do seu paço de Villasboas. *O Auto da Lavradora de Ayró publicado em Coimbra por José Ferreira em* 1678 *com o nome de João Martins, creado do Duque de Barcellos*, foi o fructo d'estes sentimentos. A poesia d'este opusculo é de um merecimento especial pela sua singeleza, graça e facilidade, e o valor desta composição sobe de ponto se a comparamos com as que abarrotadas de gongorismos fazião da nossa litteratura naquella época um desprezivel labirintho de trocadilhos, conceitos alambicados, antitezes, e hyperboles. Não atinamos com a causa, que o obrigou a occultar o seu nome, a não ser, que julgasse, que esta obra de tão limitado argumento era pouco digna

dos conhecimentos profundos de um jurisconsulto, e litterato.

O casamento da senhora infanta D. Catherina filha do senhor rei D. João IV. com Carlos II. de Inglaterra, deu occasião a uma outra obra de Antonio de Villasboas, a qual sáe agora pela primeira vez á luz com o titulo de *Saudades do Tejo e de Lisboa*, etc. Apezar de que julgamos este poema inferior ao Auto da Lavradora de Ayró, no qual o autor se entregou tanto á sua imaginação, quanto em estoutro se prendeu á verdade historica, todavia não só o verso que ordinariamente é cadente, e sonoro, como a feliz imitação de algumas bellezas dos nossos bons poetas o tornão digno de apreço, ainda quando o seu objecto não fosse aquella princeza, cujas acções e virtudes illustrão a nossa historia, as quaes fizerão que o autor vaticinasse na oit. 32, o que realizado deu depois elevado assumpto ao Carlos reduzido de Pedro de Azevedo do Tojal.

Tivemos occasião de observar em dous ms. de letra original do autor, que no mais moderno, e emendado vinhão substituidos alguns excellentes versos por trocadilhos dignos da acrostica, e profundissimamente conceituosa penna de Fr. Jeronimo Vahia. Assim ia corrompendo o mau gosto daquella era a todos os escriptores!

Traduziu do italiano para portuguez a *Arte de bem morrer, industrias para fazer uma boa morte, a qual foi impressa em Coimbra por José*

Ferreira no anno de 1685 *sem nome de autor, e dedicada pelo impressor a D. Maria Ferraz d'Almeida sua mulher.* Compoz tambem grande cópia de excellentes versos latinos, que com alguns dos seus escritos genealogicos se conservão em poder dos seus descendentes.

AVTO DA LAVRADORA

DE

AYRÓ.

AUTO DA LAVRADORA

DE

GIL VICENTE.

AVTO DA LAVRADORA

DE

AYRÓ

COMPOSTO POR IOAM MARTINS

Criado do Duque de Barcellos.

Agora novamente acrescentado, e emendado da Lingoagem antiga nesta Impressam.

AO pè do monte de Ayrò,
onde, só de hũa pegada,
deu à fonte da Virtude,
que ahi nasce vida, & fama.
Onde o Sol logo em nascẽdo,
Depois q̃ em penhas descãça,
almorça no valle flores,
bebe em correntes de prata.
No Paço de Villasboas,
lugar, onde pela calma
à sombra de verdes olmos
se ajuntam bellas Serranas.
Pelo caminho de cima,
com hũa talha apedrada,
pucarinho de Estremoz
em prato de porcelana.

Hia Leonor pela sesta
para a fonte a buscar agoa,
lauradora, que de todas
he por fermosa enuejada.
Pastores de Ayrò,
fugi apressaiuos,
que vai Leonor
a daruos cùidados.
Leua o cabello em rolete,
melenas depeuduradas,
gargantilha de belorios,
com relicario de prata.
Colete de serafina,
figa de azebiche à banda,
ramal de coraes no braço,
& camiza debuxada.
Manteo verde, que na côr
dà q̃ entender a quem passa,
q̃ inda q̃ Leonor he esquiua,
o manteo dà esperanças.
Descalça pellas pedrinhas
vai sem medo de topadas,
& assi melhor que de meyas,
vai Leonor indo descalça.
A todos quantos encontra
com seus olhos prende, & mata,
& com ser escaça a moça
dão seus olhos muitas dadas.
Pastores de Ayrò,
fugi apressaiuos,
que vai Leonor
a daruos cuidados.

Chega à fonte da virtude,
que com cristalinas agoas
dando saltos de prazer,
chora, & ri cõ a mesma cara.
Poem de parte o pucarinho,
começa a lauar a talha,
& soltando ao ar a voz,
suauemente assi canta.

Cantiga.

Nam quero bem a ninguem,
em nada amor me maltrata,
nem o desamor me mata,
nem me cança o querer bem.

Logo poem a talha à fonte,
& parece que alegraua
a agoa, que hia cahindo,
o ir Leonor a buscala.
E pegando da rodilha
começa de concertala,
cantando, por outro estylo,
esta cantiga engraçada.

Cantiga.

O meu pucarinho,
com que agora venho,
vede como he lindo,
de barro vermelho.
Nam se gabe alguem
que bebe por elle,
que o meu pucarinho
só pera mim serue.

Inda que tem azas,
a ninguem dà azos,
pegase nos beiços,
cheira como barro.

A talha se hia enchendo,
& Leonor se aparelhaua
pera a leuantar, & olhando
pera a fonte assi cantaua.

Cantiga.

Fonte da Virtude,
clara como a prata,
quem de ti nam bebe
nunca a sede mata.

Belardo pastor queixoso
de Leonor, que perto andaua
com hũ rebanho de ouelhas,
& a conheceo pella falla.
Pondose atras de um salgueiro
tirou do çurram a gaita,
& a tocou, porque Leonor
soubese que elle ali estaua.
Virouse ella pera ver
aquem a gaita tocaua,
& dando com os olhos nelle,
assi ouuio que cantaua.

Cantiga.

Mais fauor deuo às pedras
do que a tua fermosura,
que as pedras duras não fogẽ,
tu foges, & mais es dura.

Ah Leonor que tam mal pagas
hũa fè singela, & pura,
mas como es, Leonor, de pedra,
em nada te ponho a culpa.

Assi disse, & pouco, & pouco
se chegou para onde estaua
o motivo de sua queixa,
& do seu queixume a causa.
E soltando a voz do peito,
que de hũ suspiro arrancaua,
lhe falou desta maneira,
os olhos rasos em agoa.

Leonor ingrata,
Tu que a pena sómente das barata;
A quem deseja darte a alma, & vida,
Sendo crua homicida
De quem te adora,
Ouueme hum pouco agora,
Nam sejas sempre dura,
Iunto desta agoa, em quanto ella murmura
Do meu amor, & tuas tyranias.
Bem sabes tu que os dias,
E a noite mais comprida,
Gasto em quererte, & nisto passo a vida.
Em quanto o gado pasce, o meu cuidado,
Tuas memorias sam, mal empregado,
Pois que tam mal o pagas, sempre escaça
De hũa pequena graça.
Mas digo mal, que tudo tu mereces,
Nam pelo que es, mas pelo que pareces.

Em quanto a noite triste
Os valles cobre, & pelo monte assiste,
E o rebanho na rede recolhido,
Rumea o que de dia tem comido,
Toda a minha fadiga, a minha gloria
He verte retratada na memoria,
E assi Leonor, sem sono, & sem abrigo,
Me acho dias, & noites só contigo.
Pois hum amor singelo, hũa fé pura,
Que a tua fermosura
Confessa por senhora,
Nam serà venturoso hũa só hora?
Este carualho, aquelle choupo antiguo;
Que aquella vide busca por abrigo,
Nam vez como a agazalha entre seus braços,
E vam formando laços,
Hum ao outro vnidos,
Em reciproco amor agradecidos,
De elo em elo, & de galho em galho,
O choupo à vide, a vide ao carualho.
Viste jà hũa rola,
Aquem de pola em pola,
De hum ao outro ramo,
Com amante reclamo,
Com hũa voz saudosa
O macho galantea para esposa,
E arrastandolhe a aza,
Guiala quer ao ninho, que he a sua casa?
Pois essa que pudera por altiua
Mostrarse hum tanto esquiua,
Obrigada do amor, & do carinho,
Em fim vai pera o ninho,

Amante tam fiel, & de tal sorte,
Que se acaso a morte
O consorte lhe leua, de sentida,
Nam piza erua, nem flor em toda a vida.
Estas minhas ouelhas, que tozando
Vam esse campo raso,
Se o carneiro acaso
As anda procurando,
Se as requesta o anho,
Nam se saem do rebanho,
Mas com igual vontade,
Lhe pagam a amisade,
E tu queres, por ser mais entendida,
Faltar à obrigaçam de agradecida!
Se o fazes por vaidade,
Nam to merece nam minha vontade,
Se o fazes por virtude, o cazamento,
Nam vez, que he sacramento,
Em que dous corpos se atam, de corrida,
Com hum nò, que se nam desata em vida,
E a gosto dos amigos, & parentes,
Em seruiço de Deos viuem contentes.
Outras jà se prezaram
Deste capricho, que ao depois pagaram,
E se quizeres conhecelo ao certo,
Aqui tens tu o exemplo de bem perto.
Esta fonte, que vez, jà foi pastora
Tam liure, & tam senhora
De sua liberdade,
Que hũa boa vontade
Nunca pagou com outra, mas agora
Sente o castigo, porque inda agora o chora.

O vulgo, que entendia,
Que era virtude sua tyrania,
Chamaualhe a Virtude (que assi erra)
E este nome só tinha em toda a terra.
E assi era Virtude assi chamada,
Deste vale a pastora celebrada,
Flor destes campos, gala deste monte,
E veyo a parar tudo nesta fonte.
Foi o caso, que nesta aldea auia
Hum pastor, que queria,
Que à vista da gadelha penteada
O amasse Virtude, más tam dada
Estaua ella à sua beatice,
Que chamaua doudice
As finezas de Ayrò, que a namoraua,
Porque assi se chamaua
Este pastor famoso
Mais celebre no amor, que venturoso.
Era Ayrò de estatura levantada,
Sobrancelha arrugada,
Largo de espadoa, negra cabelleira,
Vsaua de polayna, & de galteira.
Virtude era pastora
Com brios de senhora,
Bem parecida moça com asseo,
Nam admitia amor, nem galanteo,
Mas tudo despresaua.
Hum rebanho de ouelhas, que guardaua,
Sò era o seu cuidado,
Nisto gastaua o tempo, mal gastado,
Cada vez mais seuèra,
Com pouco de mulher, muito de fera.

Succedeo que hũa tarde,
Jà quando (ao porse) o Sol nas agoas arde,
Decendo com o seu gado desse outeyro,
Vinha Virtude ao longo do ribeyro,
Guiandoo ao curral, sem mais cuidado.
Mas a força do fado,
Que jà a perseguia,
O destino cruel daquelle dia
Fatal para a pastora,
A vista lhe trouxe a Ayrò que nunca fora;
Ayrò, que a vio, alegre, & prazenteiro
A foi buscar ligeiro,
Saudarãose, & Virtude jà vermelha,
Como que se a mordera algũa abelha,
Cada vez mais fermosa,
Em cada hũa das faces poz hũa rosa.
Elle a foi detendo vagaroso,
Encostado ao bordam, todo amoroso,
Dizendolhe mil cousas à porfia,
Atè que a noyte pode mais que o dia,
E mudando a luz de posto
Hia trespondo là para o Solposto.
Queria irse a pastora, & nam podia,
Que Ayrò se atrauessaua no caminho,
Porfiaua, mas elle lhe impedia
A passagem com rustico carinho,
Todo risonho, todo requebrado,
Atè que ella ficou, indose o gado,
E querendo romper tanto embaraço,
Deteuea Ayrò pegandolhe do braço.
Ella insistia, & elle mais amante,
Passar queria auante,

E vsar de liberdade,
Violando a honestidade,
Com sacrilego intento,
Da casta donzella,
Que vendose em perigo tam violento;
Sem lhe valer ahi manha, ou cautela,
Pos os olhos no Ceo, & com voz muda,
Chamou aos altos Deozes em sua ajuda.
E afastando de si forte, & valente
O mancebo atreuido, emcontinente
O vio erguerse em monte,
E ella transformada nesta fonte,
Por esse campo razo
Lhe vai fugindo rindose do caso;
Porque assi quis dos Deozes a piedade
Encontrar a atreuida liberdade,
E com piedosa cautela,
Castigar o pastor, valer a ella.
Este he o monte de Ayrò, que estamos vendo,
E a fonte da Virtude, que correndo
Por esse valle em agoas se desata,
Que por esquiua, & ingrata,
Quando era pastora,
Quis ser de tanto dano causadora.
E tu, como esta, queres
O primor encontrar da natureza,
E com noua aspereza
Ser hum segundo exemplo das mulheres.
Assi dizia Belardo,
& Leonor, tomando a talha,
lhe disse: Belardo a Deos,
sam horas de ir para casa.

Essa affeição, que me mostras,
nunca pode ser bem paga,
porque nam tenho com que
pagar affeição tamanha,
Na aldea ha outras pastoras,
em quẽ mais bẽ empregadas
podem ser essas finezas,
porq̃ eu valho pouco, ou nada.
E pondo a talha à cabeça,
se foi de volta virada,
& Belardo se ficou
dizendo: & quem tal cuidara!
Rizelo, que tinha ouuido
tudo quanto ali passara,
do pinheyral da boucinha,
por detras de hũa enramada.
Pegando da sanfoninha,
que com destreza tocaua,
que tambẽ o amor faz cegos,
que com sanfoninhas andam.
Depois de se rir hum pouco,
cantou com linda toada
as cantigas, que se seguem,
em quãto as cabras pastauão.

Cantiga.

Ao pè de hũa junqueirinha
corre hũa fonte de prata,
se Leonor quer bem a outro,
bem necio he quem se mata.
O amor não se constrange,
a affeição dase de graça,
porque sómente he soborno
à que com ouro se paga.

Se os coraçoens se não vnem,
se se não prendem as almas,
para que he jogar de amores,
nam ha verdade nas cartas.
O querer sempre foi liure,
posto q̃ he preso quem ama,
& quem quer forçar o amor
he necio, porque se cança.

Outra.

Florizela, meus amores,
vòs, donde estais, bem vedes,
falaime à boca da noite,
percaõse barcos, & redes.
Confiado estou em vòs
se a esperança me não mente,
mas dizemme que esperanças
tambem faltam muitas vezes.
Se sabeis que vos adoro,
nam sejais esquiua sempre,
que amor com amor se paga,
& só quem paga nam deue.
Nam venha tambem Rizelo,
como Belardo, aperderse,
que quem se ri dos amigos,
taluez seus males pedece.

FIM.

SAUDADES

DO

TEJO, E DE LISBOA

NA AUSENCIA

DA SENHORA

CATHERINA,

Rainha da Gran-Bretanha.

SAUDADES

DO

TEJO, E DE LISBOA

NA AUSENCIA

DE SENHORA

CATHERINA,

Rainha da Gran-Bretanha.

SAUDADES

do

TEJO, E DE LIXBOA

Na ausencia da Senhora Catherina,

Raynha da Gran-Bretanha.

Cantadas por Antonio vezinho das Ribeiras do Cavado.

I.

VOs Cavadides minhas, que até agora
A lira de ouro tinheis pendurada;
Vede, que já o seculo melhora,
E ha cousa muito já para cantada:
O pó, que a descompos lhe lançai fóra,
E levantando a voz bem concertada,
De sorte me ajudai, que, quando eu cante,
Outro canto melhor se nam levante.

II.

Do Tejo cantaremos a saudade,
Cantaremos da armada a despedida,
Que a Inglaterra leva a magestade,
Que he de Carlos o alento, a alma, e vida,
Catherina, que emquanto esta cidade
For por obra de Ulisses conhecida,
Pois o amor, e affeiçam tanto lhe ensina,
Com saudade estará de Catherina.

III.

Vós columna do Reino Lusitano,
Em quem fes mais effeito esta saudade;
Cujo valor heroico, e soberano
He ornamento desta nossa idade,
Se ao publico proveito nam fas dano,
Inclinai por um pouco a magestade
E ouvi do claro Tejo a voz sintida,
E de Lixboa vede a despedida.

IV.

Na noite antes que a Infanta se embarcasse,
Tristes deixando a todos de saudade,
E da cidade á náo se trasladasse,
Desanimando a náo toda a cidade,
Como se o Tejo entam desenganasse
De nam gozar mais tempo esta Deydade,
Tornando atras hum pouco triste o passo,
Assi dizia, olhando para o Paço.

V.

Ah! que a pena me ensina, que nam cante,
Ah! que o gosto me ordéna, que nam chore,
E entre penas, e glorias inconstante
Nam sei com quaes das duas me melhore:
Gloria he grande, que Carlos já triunfante
De Catherina a fermosura adore,
E pela fé, que a seu querer o inclina
Lugar ache em seu peito a fé divina.

VI.

Dita será que vejam lá no Norte;
Donde o mal até agora ha procedido,
O bem melhor da Lusitana Côrte,
A belleza mayor, que hão conhecido:
Ditoso Carlos, a quem coube em sorte
De princesa tam alta ser marido,
E tu, Bretanha, quando te ella mande,
Entam, com propriedade, serás grande.

VII.

Entam serás de todos envejada
Os imperios da terra conhecida,
A quem honra tam grande foi negada,
A quem nam foi tal gloria concedida:
Será só Lusitania celebrada,
Inglaterra será só aplaudida,
Pelo que teve aquella, e mais ditosa,
Inglaterra o será pelo que goza.

VIII.

Esta Cidade, pompa do criado,
Do orbe a mais crescida maravilha,
O que lhe dá mais pena, e mais cuidado
He perder para sempre hũa tal filha:
Esta agoa minha, que do mar salgado,
Com corrente veloz as agoas trilha,
Corrida está de ver, que indose a Infanta
Tam de corrida a deixa gloria tanta.

IX.

Da minha area, que eu tanto presava,
Por celebre no mundo, me esquecia,
Pois de todo o cuidado me levava
Um cabello dourado, quando o via:
Ali o ouro em voltas se enlaçava,
E quando fio a fio se estendia,
Sendo cada cabello só um rayo,
Para os rayos do Sol era um desmayo.

X.

De dia, se a nam via, me alegrava
Ver o Sol, que algum tanto a parecia,
Nam em tudo, que a elle lhe faltava
Da bella Infanta a graça, e bisarria:
De noite co'as estrellas conversava,
E de todo o meu siso lhe dizia,
Tendes, estrellas, por ventura, enveja
De que a Infanta mais fermosa seja?

XI.

Assi passava o tempo docemente
Ditoso com tal bem, com gloria tanta,
Porque a gloria mayor desta corrente
Era a vista gozar da bella Infanta:
Isse Neptuno, quando na crescente
A visitarme vem, todo se espanta,
E tendo enveja grande do que eu vejo
Deixára de ser mar, só por ser Tejo.

XII.

Mas ah! que me magoa, que chegasse
O tempo delle tanto desejado,
E que assi seu bem todo lhe roubasse
Ao aurifero Tejo o mar salgado:
Nam te bastava, ó mar, que te pagasse
O tributo ordinario com cuidado,
Em azues taças pondo por instantes,
Para teu gosto um rio de diamantes?

XIII.

Nam te bastava, que a teus pés sujeito
Continuamente lance esta cabeça,
E adonde humilde de servirte aceito,
Ahi meu nome celebre pereça?
Regalandote tu no Eburneo leito,
Queres, que eu qua de todo o bem careça,
Bem cheo estás, ó mar, e se estás cheo,
Nam queiras juntar mais, levando o alheo.

XIV.

Nam tens tu la de Thetis a belleza
A quem sofrego estimas, e enamoras,
Por quem das agoas a mayor braveza,
A sossego reduzes muitas horas:
Nam he, por certo, nam, muita fineza,
Se de um sugeito a fermosura adoras,
Levar-lhe a casa, quem com bello asseo
Do mundo sendo a flor, o faça hum feo.

XV.

Nunqua da Lua o vulto resplandece,
Senam quando do Sol a luz se ausenta,
Toda a luz das Estrellas se escurece,
Quando o Sol ao Horizonte se apresenta:
Do Planeta mayor só apparece
O resplandor, que os outros afugenta,
E occultas as estrellas, triste a Lua
Conhecem só entam, que a luz he hũa.

XVI.

Essa Deosa, que as agoas senhorea,
E dos Tritões ceruleos venerada
Achou nas agoas para o canto a vea,
Que tanto a fez no mundo celebrada:
Essa, que muitas vezes pela area
He de Driadas muitas adorada,
Tu a verás reconhecer na Infanta
O que o juizo admira, ao mundo espanta.

XVII.

Tu Occeano, pois, que lhe bem queres,
Recolhe-te com Thetis, fino amante,
E quando a Catherina ver quiseres,
Dahi fazer o podes cada instante:
Permitte, que se estendam meus prazeres,
Deixa, que minhas glorias logre, e cante,
Nam sejas envejoso, que he disgraça
Se hum mar de enveja a todo o mundo abraça.

XVIII.

Mas quando usando, ó mar, de tyrannia,
Queiras mostrar-te contra mim mais forte,
Roubandome da vista a luz do dia,
Lançandome no peito o horror da morte
Juro de sepultar nesta agoa fria
A armada toda, sem que de Mavorte
A divindade tema, e vulto irado,
Porque a tanto me obriga este cuidado.

XIX.

Golfos levantarei, e serras de agoa,
Em que os navios todos sepultados
Os effeitos verám de minha magoa,
E o fim conhecerám de meus cuidados:
Farei que seus faroes na excelsa fragoa
Se ascendam, e cahindo despenhados,
Por esses ares, mastos, e navios,
Conheçam que inda o Tejo tem seus brios.

XX.

Aqui com voz mais baixa, e tom mais grosso,
Correndo a mam pelo cabello antiguo
Da larga barba, que cresceo de moço
Até dos peixes ser longévo abrigo:
Pondo os olhos no cham, como queixoso,
Disse o Tejo: mas eu louco que digo?
Se he vontade dos Ceos, e bem da terra
Cazamento, que tantos bens encerra.

XXI.

Pois eu, que o Tejo sou, que tantas vezes
Largo caminho abri de tantas glorias,
Que valerosamente os Portuguezes
Lograram com maritimas vitorias:
E des que o mar em si consente arnezes
Origem fui de celebres historias,
Despedindo de armadas larga copia
A India, Persia, Arabia, e Ethiopia.

XXII.

Eu, que á gentilidade mais remota
Occasionei de Deos conhecimento,
Prégadores mandando a gente ignota,
Que vivia entre o liquido elemento:
Agora nesta idade, que esta frota
Me busca, e quer tornar a salvamento,
Por nam perder hũa gloria, que nam dura,
Hei de cortar-lhe os passos da ventura?

XXIII.

Nam quero eu impedir felicidades,
Que á Inglaterra o fado vaticina
Na gloriosa uniam das Magestades
De Carlos, e da Infanta Catherina:
Padeça embora Portugal saudades,
Tu, agoa, corre menos cristalina,
Que a salvaçam de hum povo vale mais,
Que as saudades de hum Reyno, e teus cristaes.

XXIV.

Despozesse com Carlos Catherina,
Acredite a Bretanha gloria tanta
Com successão de Principes divina,
Ramos heroicos de tam bella planta:
De Affonso, e Pedro a vista peregrina
Nesta auzencia serám que fas a Infanta,
Alivio meu, que tudo o que desejo,
Com Affonso, e com Pedro logro, e vejo.

XXV.

Já quando o Lusitano sceptro tinha
Joam filho de Pedro, cuja espada
O Imperio defendia, que lhe vinha,
Na antigua liberdade tam prezada:
Entam nos deu Bretanha hũa Raynha
De tantas prendas, e valor dotada,
Que se o Rey foi primeiro, e sem segundo,
Só Philippa para elle ouve no mundo.

XXVI.

Agora pois que Carlos valeroso
Se restitue ao sceptro já perdido,
E á força de seu braço poderoso,
Se vê da rebeldia obedecido:
Será de Portugal lanço forçoso
Esposa tambem dar a tal marido,
E de Philippa a dadiva divina
Lhe pague em dobro a bella Catherina.

XXVII.

Tu Eolo, que o vento senhoréas
Nesse carcere eterno repugnante,
Grilhões lhe lança, aperta-lhe as cadeas,
E a furia lhe reprime sibilante:
De festa sayam todas as Seréas
Em mar de leite, e campos de diamante,
E adornem do Occeano a azul campanha,
Por onde ha de passar a flor de Hespanha.

XXVIII.

Sopre somente o vento necessario,
Com que a armada a seu gosto rompa os mares,
Recolha um pouco as amphoras Aquario,
Doure as agoas o Sol, pratee os ares:
Seja constante o tempo, e nunqua vario,
E entretanto com celebres cantares
Vós Tagides, segui da armada o passo
Té que Thetis a ponha em seu regaço.

XXIX.

Assi dizia o Tejo, e com saudade
Se desfazia em agoa descontente,
Para ver era o Tejo em tanta idade
Chorando rio, e rindo-se corrente:
O mar o agazalhava de piedade,
E em seus braços o Tejo já contente,
Dizia: agora si, que agora vejo
A Inglaterra, e nada mais desejo.

XXX.

Chegou o dia, em fim para a Cidade
Alegre, e triste, tudo tinha o dia,
Tristeza, pela pena da saudade
Pelo prazer das bodas, alegria:
Para ver era em tal celebridade
O jubilo geral, que nella avia,
E disfarçada em publicos festejos
De Lixboa a saudade, e seus desejos.

XXXI.

Era Domingo, dia assinalado,
Pelo ser de S. Jorge padroeiro
Do Reyno de Inglaterra celebrado,
E defensor de Portugal guerreiro:
A quem os Portuguezes com cuidado
Invocam nas batalhas por terceiro,
E co'a espada na mam, Jorge chamando,
Foram a fé no mundo dilatando.

XXXII.

Prognostico felix, que vaticina,
Que os mais fortes, e duros corações
Conquistará a Raynha Catherina
Com a espada de suas orações:
E qual a luz da Aurora matutina,
Depois da noite escura, e de trovões,
Ao mundo mostrará com melhor sorte
De novas cores adornado o Norte.

XXXIII.

Depois que a Aurora o liquido thesouro
Ao mundo publicou com resplandores,
E o cabello soltando crespo, e louro,
Deu nova luz ao prado, vida ás flores:
Depois que o Sol a seu vestido de ouro
Poz adorno melhor, deu varias cores,
Partida tendo a alma co'a May chara
Para a partida a Infanta se prepara.

XXXIV.

Qual o Sol na manham pouco serena
Por entre as sombras vem com luz escaça,
Porque as nubes oppostas lhe dam pena,
E as nevoas lhe maltratam muito a graça:
A grande luz parece entam piquena,
O resplandor nos ares se embaraça,
Assi a Infanta, estando sempre ayrosa,
Fermosa está, mas triste de saudosa.

XXXV.

Como a rosa no Estio maltratada
Do muito Sol, da calma rigurosa,
Esta de tarde ao Sol, como assombrada;
Cançada do calor, mas sempre rosa:
Como a flor, que de pouco está cortada,
Cortada está, mas sempre está fermosa,
Assi a Infanta estava com cautela,
Entre as Saudades cada vez mais bella.

XXXVI.

Despediose da May, que o mundo admira,
Gloria mayor da Caza de Gusmam,
Para quem quer a Muza melhor lira
Para quem pede a lira melhor mam:
Por quem a fama o nome heroico tira
A's Gregas, e ás Romanas porque sam
As Gregas pouco, e menos as Romanas
Na prezença de acções tam soberanas.

XXXVII.

Dizer o que diriam, e a saudade,
Com que da filha a may se despedia,
Se lá pode encubrilo a magestade,
Nam pode qua mostralo a fantasia:
A experiencia só dirá a verdade,
Só quem teve saudade o contaria,
Porque o achaque do amor, mal de hum cuidado
A alma o sabe só que o tem passado.

XXXVIII.

Força he, que da saudade o sintimento
Ahi sahisse aos olhos, e a piedade
Mostrasse no amoroso apartamento
De duas almas a mayor saudade:
Nam se livrou com alto nacimento
Das humanas pensões a magestade,
O peito heroico, a regia fortaleza
Sujeita tambem vive á natureza. (1)

(1) No original, que julgamos anterior a outro mais

XXXIX.

Baixaram as Raynhas juntamente
Até á sala da guarda, e sem deter-se,
Feitas as despedidas brevemente
Se dividiram, para mais nam verse:
Entrou a de Bretanha em continente
No coche, que a chegar a conhecerse,
Tivera em pouco, tendo a tal thezouro,
Da fulgurante Aurora o coche de ouro.

---

emendado, que tambem temos á vista, apparecem depois da Oit. 38 duas que o A. omittio, passando apenas á Oit. 70 a primeira quadra da 1.ª — Aqui as publicamos para satisfação dos curiosos.

O humana miseria! que comsigo
Logo trazem as ditas, os pesares,
Parecense os Imperios co castigo,
Sam as Quinas mil vezes, como azares:
O má resam de Estado, achaque antiguo,
Que o sossego perturbas dos lugares,
E o pastor pobre fazes mais ditoso,
Nesta parte, que o Principe famoso.

Sem pena algũa aquelle, e sem saudade
Berço e thalamo tem na mesma aldea,
E o velho pay, a may de larga idade
Em ver brincar os netos se glorea:
Pelo contrario, vede a Magestade,
Quanto se afasta, os climas, que rodea,
E se he o ser Raynha grande bem,
Bem he, que hum mal, como este, annexo tem.

XL.

Entrou com ella Affonso soberano
Da patria venturosa segurança,
E Pedro flor do Reyno Lusitano
Com poucos annos cheos de esperança:
Divinos ambos, cada qual humano
A hũa, e outra parte os olhos lança,
Vendo-se o povo em lanço tam forçoso,
Lança-lhe as almas a seus pes com goso.

LXI.

Sahiram dando bom principio ao dia,
Foram á Sé a ouvir primeiro Missa,
Indo diante toda a fidalguia,
E os tribunaes da guerra, e da Justiça:
Aqui mostrou Lisboa a bisarria,
De armações muitas com que desperdiça
Despezas grandes, mostras da lealdade,
Com que dos Reys venera a magestade.

XLII.

Pintar a fermosura, o grave aspeito,
Dizer o coruscante do vestido,
Nam póde a voz, nem chega a tanto o peito
Humilde para canto tam subido:
A's Aguias só pertence de direito
Olhar ao Sol com perspicaz sintido,
Que quem de Aguia nam teve alguns ensayos
A luz o cega, perdese entre os rayos.

XLIII.

Com louvavel porfia se adornaram
Ás paredes de telas, e brocados,
E os Terços da Cidade se plantaram
Pelas ruas em alas concertados:
Por entre a fórma militar passaram
Os coches altamente adereçados,
Levando cada coche o seu thesouro
Em pompa, galas, e colares de ouro.

XLIV.

Viaõ-se em varias partes levantados
Muitos arcos de adorno differente,
De triumfos presagios declarados,
Todos de paz prognostico evidente:
Alguns eram de flores adornados,
Outros de ouro, e prata refulgente
Nenhum delles de chuva signal era,
Senam todos de alegre Primavera.

XLV.

Os Deoses, que fingio a antiguidade
Sobre os arcos se viam fabricados,
Flora com agradavel variedade
Das boninas, e flores de seus prados:
Ceres, que com fingida divindade
Os campos fertiliza cultivados,
Pomona alegre, a celebre Amalthea,
Que o trabalho de Ceres lisongea.

XLVI.

Sahio á Rua nova aquelle dia
Com toda a gala, pompa, e magestade,
Publicando no adorno, e bisarria,
Que tinha mui de casa a novidade:
Saudosa toda, e chea de alegria,
Alegre toda, e chea de saudade,
A' Raynha offereceo fiel, e amante,
Fidelidade, amor, verso elegante.

XLVII.

Ouvio Missa na Sé devotamente,
Sendo de vós, Senhor, tambem ouvida;
Que cuberto do candido accidente
Vos mostrastes aos olhos pam de vida:
Uni, Senhor, os corações da gente,
Que deve ser em vosso nome unida
E seja a liga tal dos corações,
Que nam aja mais liga em taes varões.

XLVIII.

Voltaram logo os coches ordenados
Ao terreiro do Paço, onde se via
Grande numero de Arcos levantados,
Que de hum, e outro lado se estendia:
De flores eram todos, que em seus prados
Flora colhido aquella noite avia,
Promettendo nos arcos, e nas flores
Da terra os frutos, e do Ceo favores.

XLIX.

Foi passando por junto da Capella
Os olhos levantando para o Paço,
Os olhos, que buscavam na janella,
Quem era de seus olhos o embaraço:
Porem elRey, usando de cautela,
Com rosto alegre, e de tristeza escaço,
Falando no que achava, e no que via,
Da pena da Saudade a divertia.

L.

Entraram no Jardim, que ufano estava,
Vendose entrar da bella companhia,
E entre as flores cortês agazalhava
A flor da Lusitana monarchia:
A musica das aves o alegrava,
E agora desta vez lhe entristecia
A verde pompa, o celebre pausage
Ver que só era a vista de passage.

LI.

Dali por onde o Tejo a leve prata
Mais conhecida, que a dourada area,
Junto com a ribeira das naos ata,
Formando de ouro, e prata hũa só tea:
De madeira hũa ponte se dilata
Sobre o rio, que as agoas senhorea,
Por onde elRey, e sua Alteza entraram,
Com a Raynha, e della se embarcaram.

LII.

De madeira era a ponte, e primorosa
A arte a ornou com toda a bisarria,
Fazendo hũa apparencia magestosa,
Em que o metal de Ofir resplandecia:
Da Lusitania a insignia gloriosa
Em quinas dividida ali se via,
Mostrando, que no jogo esta bem forte
Quem, tendo as Quinas, tem de casa a sorte.

LIII.

Chegou ao fim da ponte a bella Infanta,
E os olhos pos no rio dilatado,
Que vendo junto a si belleza tanta,
Rindose estava todo enamorado:
A agoa, que outras vezes se levanta,
Quieta estava, o vento sossegado,
E de lama cuberta de agoas toda
Vestido andava o Tejo ja de boda.

LIV.

Entrou no Bergantim, com ella entraram
ElRei nosso Senhor, e Sua Alteza,
E com remo apressado navegaram
Para onde estava surta a armada Ingreza;
Com brevidade junto á nao chegaram,
E nella entrando, vimos que a belleza,
Senam do Sol, que ao Sol se parecia,
Nas agoas se escondeo ao fim do dia.

LV.

Do concavo metal o estrondo horrendo
Em hũa, e outra nao se repetia,
Lingoas de fogo cada qual vertendo,
Parece que outra vez as recolhia,
Em fumo os ares se hiam convertendo,
Pelos ares o fumo se estendia,
E o ar temia o rio em taes ensayos
Nubes fazendo o fumo, o fogo rayos.

LVI.

Parece que da Esfera luminosa
Descera ás agoas Jupiter Tonante,
E na Estaçam do tempo mais ditosa
Trovões fazia, e rayos coruscante:
Para ver era a machina estrondoza
Horrenda sempre, tremula, e flamante,
E Marte alegre, solto todo o panno,
A Esposa festejar do Rey Britanno.

LVII.

Coalhado de bateis estava o rio,
E a nao no meo delles levantada
Mostrava hum agradavel senhorio
Que a fizera do mundo respeitada:
Parece, que cobrara entam mais brio
Vendose entrar da cousa mais prezada,
E tanto assi, que logo mui ligeira
De Capitania levantou bandeira.

LVIII.

Viase a Nao felix empavezada,
Flamulas, e bandeiras tremolando,
A quem a nao de Colchos celebrada
Estava entre as estrellas envejando:
E a carroça da Deosa enamorada,
Que de Chipre as boninas vai pisando,
Vendo na Nao mais alta fermosura,
Teve em pouco esta vez sua ventura.

LIX.

Os cavallos do Sol, que cada dia,
Pascendo estrellas, vam beber salgado;
Se Phaetonte delles se confia,
Segunda vez se vira despenhado:
Seu gosto fora só, sua alegria,
Levar a Catherina, e seu cuidado
Era tomar a estrada do Occidente
Para trocar co'a Nao, que o nam consente.

LX.

ElRey, e o Infante ao Paço se tornaram
Nam sem saudade, que era ali forçosa,
Mas a pintar saudades nam chegaram
A melhor tinta, a pena mais ayrosa:
As saudades, aquelles, que as passaram;
Dizem, que he hũa pena rigurosa,
E sendo das saudades parte a pena,
Para pintar-se a si mui mal se ordena.

LXI.

Segunda feira, na manham saudosa,
A anchora os Ingrezes levantaram,
E a pompa dos navios magestosa
Do Tejo as Divindades veneraram:
Rompendo ao Rio a vea poderosa,
ElRey, e sua Alteza á Nao tornaram,
E na saudosa, e triste despedida
Trocou a Irmam com elles a alma, e vida.

LXII.

Levantadas as anchoras, as velas
Ao vento favoravel se entregaram,
E os Portuguezes fixa a vista nellas,
Saudosos pela praya se alargaram:
Pelos balcões, tambem, pelas janellas
A despedir-se as damas se ajuntaram,
E entre o povo confuso, e gente tanta,
Nam se ouvia, se nam, partese a Infanta.

LXIII.

As Tagides no mundo conhecidas
A vêla se ajuntaram com cuidado,
As citharas tocando guarnecidas,
Que fizeram seu nome celebrado:
Mas vendo, que eram tudo despedidas,
Todas ficaram com o gosto aguado,
E taes se viram, soltas vendo as velas,
Que nam eram as Tagides aquellas.

LXIV.

Deu hũa volta a Nao na despedida,
Sahindose com passo vagaroso,
E o Tejo pesaroso da partida
Se mostrava em detela mais saudoso:
Era a saudade em todos conhecida,
Chorava o Tejo, o Ceo tambem choroso,
Sem eclysar as luzes de seu rosto,
Lançava á terra lagrimas de gosto.

LXV.

Se ja nam foi que vendo o Ceo luzente
A belleza admiravel da Raynha,
Imaginou, que a Aurora refulgente
Segunda vez naquelle dia vinha:
E orvalhando na terra diligente,
Por nam faltar á obrigaçam, que tinha,
Mostrou, que era a Raynha, como Aurora,
Pois quando esta apparece tambem chora.

LXVI.

E se o orvalho da Aurora vaticina
Que chega o Sol, que ja apparece o dia,
E ás flores dando a gala cristalina
Lhe dá nova esperança, e bisarria:
Este orvalho promette a Catherina
Felicidades, glorias, e alegria
E que por ella, como ja choviam
Os bens nos Reynos ambos choveriam.

LXVII.

Hiam as Naos cortando vagarosas
Do claro Tejo a liquida corrente,
E as Ninfas apos ellas, que saudosas
Ao vento pedem, que dali se ausente:
Alegre estava o dia, o mar de rosas
E o Tejo aquella tarde mais contente
Porque o vento, deixando o mar, e o porto,
Faltou hum dia, só por lhe dar gosto.

LXVIII.

Sahio a Armada emfim, de fos em fóra
Tras si levando os olhos da Cidade,
Que vendo que o melhor se lhe hia embora
Triste ficava, e morta de saudade:
Qual o amante, que auzente o bem, que adora,
Perdida sente a vida, e liberdade,
Assi Lixboa, vendo a Infanta auzente
Do bem mayor, que tinha a auzencia sente.

LXIX.

Com muitos olhos a Cidade olhava,
Que vê muito quem ama de verdade,
Para a Armada, que as velas alargava
Formando sobre o mar hũa Cidade:
Seguila, a ser possivel desejava,
Ficar-se, era o motivo da saudade,
E irresoluta toda, e embaraçada
Assi dizia olhando para a armada.

LXX.

O' humana miseria, que comsigo
Logo trazem as ditas os pesares,
Parecense os Imperios c'o castigo
Sam as Quinas mil vezes como azares:
Eu só as proprias glorias contradigo,
Porque a gloria perturbam de meus Lares,
E vendo emfim ao fim de meu dezejo,
Sinto que falte á vista o que nam vejo.

LXXI.

E tu, Tejo, onde vas tão apressado
Levando a Nao, que o vento favorece?
Nam ves, que nella vai o meu cuidado?
Nam ves, que ali meu bem desaparece?
Enfrea, ó Tejo, o curso arrebatado,
Torna atrás, porque a voz já me falece,
E quando em te tornar mais te detenhas,
Nam poderei dizer-te entam que venhas.

LXXII.

Torname a minha gloria, ó Tejo ingrato,
Deixame o meu bem todo, ó mar undoso,
Nam queiras bem tam grande tam barato,
Nam queiras tam depressa ser ditoso:
Eu multiplico a queixa, a voz dilato,
Tu, Tejo, nam me escutas, poderoso,
Poderoso estás, Tejo, e já salgado,
Nam me ouves, porque estás já mui mudado.

LXXIII.

Ouvime, ventos, vós, que resam tenho
De me queixar da vossa ligeireza,
Tornai um pouco atrás o leve lenho,
Adonde a alma levo de amor preza:
Enganai desta vez o humano engenho,
Sede alivio a meu mal nesta tristeza,
E quando em tanto nam queirais cansarvos
Podeis de meus suspiros ajudarvos.

LXXIV.

Meus suspiros darám sobejo vento,
Darám meus olhos agoa sem medida,
Com elles voará meu pensamento,
Com ella irám envoltas a alma, e vida:
A vida irá buscar contentamento,
A alma a si porque anda dividida,
Com penas tristes, vôos de pesares
Meu pensamento irá sobre esses ares.

LXXV.

Lagrimas minhas, vós, com mais cuidado
A Nao fareis voltar ao undoso Tejo
Vós, suspiros, com vôo levantado
Fareis este serviço a meu desejo:
Mas ay, que vejo a Nao no mar salgado
Mas ay, que ja no pego a armada vejo
E as lagrimas, suspiros, pensamento
De mais nam servem, que de mais tormento.

LXXVI.

Eu nam queria, ó vento rigurozo,
Impedirte a jornada de Inglaterra,
Bem sei, que o apartamento, que he forçoso,
Bem sei, que o fado esquivo me fas guerra:
Queria só, ó vento proceloso,
Tornar a ver a Infanta nesta terra
Para pedirlhe hũa alma, que a saudade
La lhe levou, deixandome ametade.

LXXVII.

De que me serve a mim viver de meas?
De que me serve a alma a mim partida?
Que gosto me dam la glorias alheas,
Se eu qua hei de passar tam triste a vida:
Tu, Occeano, a Carlos lizongeas,
Tu, Tejo, ao tempo segues, e eu perdida
Se acharme quero toda envolta em magoas
Em vam me busco aqui, que estou nas agoas.

LXXVIII.

Na armada vou, que la vam meus cuidados,
A armada tenho aqui no pensamento,
Vede o que a affeiçam fas, que poem trocados
Os termos de hũa affeiçam, trocado o assento:
Mas ja meus pensamentos levantados
Acham na Esperança novo alento,
E se esperanças vem meus pensamentos,
Corra o Tejo, a Naq va, soprem os ventos.

LXXIX.

Idevos, meu bem, ide, ó gloria minha,
Ja que os fados ordenam, que vos vades,
Logre Londres com vosco o bem que eu tinha,
Ditosa mais que todas as Cidades:
Por Senhora vos tenha, e por Raynha,
A mim me fiquem só vossas saudades,
Vossa memoria, e muito sintimento,
Pois vejo, que o meu bem mo leva o vento.

LXXX.

Nos corações do povo Lusitano
Impressa vossa effigie logro, e vejo,
E pode ser allivio de meu damno
Vervos nelles as vezes, que desejo:
Mas ay, que amor comigo deshumano,
Nam sendo em vos querer o amor sobejo,
Os corações vos deu, mas mais barato
Nas almas hei de achar vosso retrato.

LXXXI.

E ja que os corações todos levais
Da Lusitana gente vossa, e minha,
Rogovos que esses corações ponhaes
Nos varios peitos, de que sois Raynha:
E se os olhos, Senhora, em mim deixais,
Elles me tornaram tudo o que eu tinha,
Porque os olhos dos Reys por dom dos fados,
Dam corações, e espiritos dobrados.

LXXXII.

E vós o Rei da heroica monarchia,
Que começa onde o Sol no mar descança,
E até donde renasce a luz do dia
O dilatou a Portugueza Lança:
Vede do Lusitano a profecia
Que alentando de tantos a esperança,
Pelo que vio nos Astros muitas vezes
A conversam promette dos Ingrezes.

LXXXIII.

Entam vereis, que foi felicidade
A uniam do Reyno de Inglaterra,
E estimareis de Carlos a amisade,
Pois tanta utilidade nossa encerra:
Quem os annaes olhar da antiguidade,
E os successos achar da dura guerra,
Verá, que teve Portugal comsigo
O Reyno de Inglaterra sempre amigo.

LXXXIV.

Quando Fernando ás armas de Castella
Valente resistio, mas descuidado,
A ter melhor conselho, e mais cautela
Muito obrara do Ingrez acompanhado:
Joam o fez depois, quando com ella
Se vio no campo intrepido soldado,
Tendo da sua parte alguns Ingrezes,
Com valor muito, e poucos Portuguezes.

LXXXV.

Tam conformes viviam, tam unidas
Estas duas nações naquella Idade,
Que eram suas façanhas applaudidas
Com notavel, e amiga sociedade:
Dos doze as aventuras tam sabidas
O mundo as vio, notou a antiguidade,
E conhecendoos muito bem a fama,
Os doze de Inglaterra inda lhe chama.

LXXXVI.

E quando de successos mais antiguos
Queirais, Senhor, saber, lede os annaes,
Vereis, que andaram sempre como amigos,
Sendo sempre estimados como taes:
Quando, Affonso, zombando dos perigos,
Acções obrando, e feitos immortaes,
Este meu muro entrou, que os Mouros tinham;
Ingrezes ja entam com elle vinham.

LXXXVII.

Vós tambem, que no monte exercitais
As forças, que ham de ser do campo a gloria,
Acompanhado de soldados taes
Sereis assunto de mais alta historia:
Cada fera das feras, que matais,
He agouro felix de hũa vitoria,
Permittaseme agora crer em agouros,
Pois creo, que aprendeis a vencer Mouros.

LXXXVIII.

Vivei ó Sol do Imperio Lusitano,
Seja hum rayo no mundo vossa espada,
A quem o Ceo conceda soberano
A vez, que foi de tantos desejada:
Tudo o que o Grego obrou, fez o Romano
A' vista do que obrares seja nada,
E sem a Achilles ter algũa Inveja
Hum Cezar, e Alexandre em vós se veja.

LXXXIX.

E vós Aguia, que junto ao Sol andando,
Nessa idade mostrais da Aguia a nobreza,
Em quem de Pedro o nome está mostrando,
Que sereis da fé pedra, e fortaleza:
Crescei, ó Aguia minha, que voando
Sereis Aguia Africana, e sem defeza
Verá o Açor belligero Optomano
Sahir de vossas maõs todo o seu dano.

XC.

Na presença de Irmaõs tam valerosos,
A vista de dous filhos tam prezados,
Enxugarei meus olhos, que saudozos
As zelosias sam de meus cuidados:
Disse Lixboa, quando magestosos
Nos mares se escondiam dilatados
Os navios da Armada, e com saudade
Chea de povo, ficou só a Cidade.

biblioteca
municipal
barcelos
4161
Poesias